

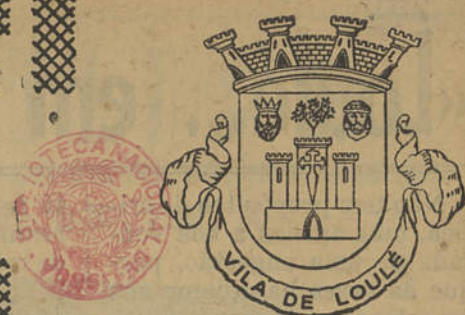
A sepultura guar-  
da a podridão; a  
 vaidade perdura  
 no epitáfio.

ANO V — N.º 134  
SETEMBRO  
22  
1 9 5 7

AVENÇA

**A Voz de Loulé**

iblioteca Pública



SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na  
TIPOGRAFIA UNIÃO  
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.  
Telefone 154 F A R O

DIRECTOR  
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO  
JOSE MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
GRAFICA LOULETANA  
Rua da Carreira, 42-44  
Telefone 216 LOULÉ

AS NOSSAS ENTREVISTAS

## LOULÉ e a sua Escola Técnica

O Sr. Eng. José António Madeira, — louletano ilustre  
e prestigiante figura de algarvio, depõe, para a  
«A VOZ DE LOULÉ»

—sobre tão importante melhoramento  
com que a sua terra acaba de ser dotada

(Uma entrevista de LUÍS SEBASTIÃO PERES)

Por mais de uma vez, nestas  
colunas e nas de outros periódicos  
algarvios, temos debatido  
com ardor e carinho, a criação  
de estabelecimentos de ensino téc-  
nico, nesta parcela do território  
português — o ALGARVE.

Vila Real de Santo António,  
Tavira e Loulé que, de há muito  
vem solicitando — e com inteira  
justiça — a instituição de Escolas  
Técnicas e Profissionais, para a  
sua juventude, por se reconhecer  
que ela não deve ficar só no en-  
sino primário, a fim de que possa  
adquirir uma educação mais la-  
ta, para se formarem bons arti-  
fices e operários habilitados a en-  
caminhar-se pela vida fora, e  
atingirem um nível de vida mais  
elevado e útil à sua condição de  
portugueses.

Daquelas três localidades, Loulé  
acaba de ver satisfeitas as  
suas aspirações; pois acaba de  
ser dotada com a sua Escola Com-  
ercial e Industrial.

Tratando-se de um importan-  
te melhoramento para a terra que  
foi berço do Grande Ministro  
Duarte Pacheco e também para o  
Algarve, pois é mais uma Escola  
Profissional que esta Província  
passa a ter; que está ouvindo  
um dos vultos louletanos que  
mais tenaz e insistentemente, de-  
fendeu tão justo quanto notável  
empreendimento: o sr. Eng. José  
António Madeira.

Procurámo-lo no Observatório  
da Ajuda, onde presta serviços  
públicos. Visivelmente comovido  
por ter sido feita justiça à sua  
terra, e, ainda, por a sua tese  
entregue ao Conselho Superior  
Regional da «Casa do Algarve»,  
ter sido considerada, levando o  
Governo da Nação a criar — de  
facto — a Escola que era pedida;  
logo, ao ser-lhe solicitado o seu  
depoimento perante tão impor-



Dr. José António Madeira

tante melhoramento, prontamen-  
te se dispôs a falar para o jornal  
da sua terra natal, cujo depo-  
imento se segue:

«O meu parecer sobre os be-  
nefícios resultantes da criação da  
nova Escola Industrial e Comer-  
cial de Loulé, está inserido no Re-  
latório que apresentei ao Pre-  
sidente do Conselho Superior Re-  
gional da Casa do Algarve, em  
28 de Novembro de 1954 com o  
título «Factores determinantes  
que impõem a criação duma esco-  
la técnica profissional em Loulé».

Esse modesto trabalho surgiu,  
pode dizer-se, de um ofício que  
em 21 de Abril desse ano o então  
presidente da Câmara de Loulé,  
sr. José da Costa Guerreiro, diri-  
giu à Casa do Algarve solicitando,  
o patrocínio desta prestimo-  
sa agremiação. O estudo mereceu  
o benévolo acolhimento e defe-  
rência de ser publicado, na inte-

gra, em 1955, no conceituado or-  
gão regionalista que é o actual  
Semanário «A VOZ DE LOULÉ»,  
números: 53-54-55 e 56.

O problema da criação da Es-  
cola Técnica mereceu sempre o  
mais fervoroso carinho das últi-  
mas edilidades de Loulé, e outro-  
sim se pode dizer do valioso apoio  
da Imprensa e das oportunas in-  
tervenções de alguns dos nossos  
deputados pelo Algarve na As-  
sembleia Nacional.

Foi essa Campanha de elevado  
espírito regionalista que tornou  
possível uma das mais belas rea-  
lizações na «honrada e notável  
vila que foi berço do Grande Mi-  
nistro Duarte Pacheco».

E nosso dever realçar aqui, e  
talvez esse facto tenha sido de-  
cisivo para se efectivar a justa  
pretensão então em causa, o si-  
gnificado que teve a luzida em-  
baixada constituída pelos repre-  
sentantes das forças vivas de  
Loulé, presidindo então aos actos  
camarários o Ex.º sr. Dr. Maurício  
Monteiro, acompanhados dos  
srs. Governador Civil do Distrito  
de Faro, Deputados Sebastião  
Ramires e Coronel Sousa Rosal e  
ainda representantes da «Casa  
do Algarve», que se avistaram

(Continuação na 3.ª página)

### Aos nossos Assinantes

Avisinha-se a data em que  
temos de proceder à cobran-  
ça do novo trimestre de assi-  
naturas e verificamos com  
sentida mágoa que ainda es-  
tão por pagar muitos reci-  
bos dos trimestres anterio-  
res.

nosso jornal vive com  
grandes encargos, sobretudo  
depois que passou a sema-  
nário e se as pessoas ami-  
gas a quem o enviamos nos  
não ajudam pagando pon-  
tualmente as suas assinatu-  
ras ver-nos-emos em dificul-  
dades para o manter.

Além disso causa enormes  
prejuízos estar a enviar à  
cobrança os recibos, gastar  
em despesas de portes do  
correio e taxas de cobrança  
sommas importantes e receber  
os recibos devolvidos.

Fazemos um apelo aos  
nossos leitores amigos e as-  
sinantes para que nos ajude-  
m a suportar este encargo  
que assumimos para maior  
dignidade, prestígio e pro-  
gresso da nossa terra.

A Administração

### Escola Comercial e Industrial de Loulé

Chamamos a atenção  
dos nossos leitores para  
o aviso que noutra lugar  
publicamos, da Câmara  
Municipal sobre as ins-  
crições dos alunos que  
desejem frequentar a Es-  
cola no próximo ano lec-  
tivo que em breve come-  
ça, bem como a vanta-  
gem na urgência em se  
inscrever, dado o curto  
prazo estabelecido.

### Brigadeiro Pontes Rodrigues

Pelo último Conselho de  
Ministros, foi escolhido para  
a promoção ao posto de bri-  
gadeiro o nosso prezado ami-  
go, ilustre comprovinciano e  
estimado assinante, sr. Co-  
ronel José Maria de Ponte  
Rodrigues, muito distinto  
oficial aviador com o curso  
do Estado Maior e actual  
Comandante da base aérea  
N.º 2.

Ao ilustre militar, que de-  
ve ser um dos mais novos  
oficiais generais do Exérci-  
to Português e que, por la-  
ços de família e amizade es-  
tá inteiramente ligado à nos-  
sa terra, apresenta «A Voz  
de Loulé» respeitosos e ami-  
gos cumprimentos pela sua  
justa promoção, coroa de  
uma carreira profissional  
brilhante e prova de con-  
fiança que merece ao Gover-  
no da Nação.

### TEMAS SOCIAIS

## As quadrilhas

São várias as espécies de  
quadrilhas existentes e va-  
mos hoje falar de algumas  
delas.

Começaremos pelas qua-  
drilhas dos ceifeiros, ho-  
mens de trabalho áspere e  
duro, ganhando a vida sob  
a acção de um sol escaldan-  
te, capaz de derreter metais,  
bebendo o suor amargo do  
seu rosto, para ganhar umas  
moedas indispensáveis à  
inexistência de salário pela  
paralisação forçada devida  
aos rigorosos dias de inver-  
nia, ou para reserva neces-  
sária a quem vive do esfor-  
ço do seu braço e outros  
bens não tem senão a saúde  
e o trabalho do dia a dia.

Estas quadrilhas de ope-  
rosos trabalhadores têm de  
ordinário o seu maneirismo ou  
capataz que em nome de to-  
dos contrata, ou em nome do  
patrão arregimenta os tra-  
balhadores. Trabalham ge-  
ralmente a salário e comida,  
ou salário a seco. São ópti-  
mos e desembaraçados tra-  
balhadores pois que a natu-  
reza do labor a que se dedi-  
cam não consente fracos  
nem inabéis. Têm de ser de-  
sembaraçados e expeditos  
para darem conta da sua ta-  
refa e não servirem de cha-  
cota dos colegas. Até se con-  
ta um caso engraçado de um  
trabalhador que tendo ido  
às ceifas, o mandaram em-  
bora por uma ridicularia, no  
seu ingénuo classificar. O  
patrão não gostava dele por-  
que — comia muito e deva-  
gar, ceifava pouco e atava  
mal. — Por uma ridicularia  
destas mandam um homem  
embora do trabalho, dizia  
ele muito escandalizado.

Era pois necessário ceifar  
bem e não ficar atrás dos  
companheiros na folha que  
iam seguindo.

Isto era assim há uns  
bons trinta anos ou mais,  
porque depois vieram as má-  
quinas e dispensaram gran-  
de parte destes obreiros.  
Quando eles, porém, eram a  
única maneira de colher o  
pão maduro que iria susten-

## JUSTIÇA

É para nós sempre moti-  
vo de satisfação registar fa-  
ctos que envolvam justiça.  
Não podíamos por isso dei-  
xar de manifestar o que sen-  
timos quando nos foi dada  
a notícia da criação da Esco-  
la Técnica, que fica com a  
denominação de «Escola In-  
dustrial e Comercial de Lou-  
lé». Poucas vezes na nossa  
já longa vida sentimos tanta  
alegria, tanto orgulho, como  
agora.

Loulé exultou, e é bem  
justificado o grande jubilo  
de que se encontram possui-  
dos todos os seus filhos, to-  
dos aqueles que, através de  
muitas canseiras souberam  
esperar por este momento  
que despertou em todas as  
camadas sociais do concelho  
um movimento que domina  
intensamente os louletanos,  
senhores dos seus direitos.

Neste momento supremo  
em que Loulé marca o seu  
lugar de destaque entre ou-  
tras terras algarvias, nós,  
louletanos de uma só fé, sen-  
timos-nos grandes e orgulho-  
sos de ter nascido em tão be-  
la terra, e com gratidão a  
todos que se esforçaram pe-  
la criação da Escola Técni-  
ca, e que alheando-se da sua  
vida privada, impuseram a  
esta terra pacata que soube  
aguardar o momento de lhe  
ser feita justiça, e com a sua  
compreensão nítida de que  
mal vai uma terra se os fu-  
mos das paixões se antepo-  
zere a ordem, às iniciati-  
vas, ao progresso, uniram-se  
com um só, e assim triunfa-  
ram nos seus desejos, nas  
aspirações num povo que  
atingiu a plenitude da con-  
sciência dos seus destinos,  
dos seus direitos vindos de  
longe, caminha para uma vi-  
da melhor.

Este tão necessário como  
útil estabelecimento de ensi-  
no técnico, onde o comerci-  
ante irá colher os princípios  
de escrituração e contabili-  
dade, e o artista que no seu  
modesto atelier ou oficina  
onde executa já trabalhos de  
valor artístico, irá colher um  
maior aperfeiçoamento nas  
várias artes que ele com fa-  
cilidade imita, reproduz, e  
executa tudo que se lhe in-  
cumbem sem que ainda dispo-  
nha de utensílios suficientes  
ou tenha algum outro recur-  
so, que não seja a sua intui-  
ção artística, que o coloca  
já a par dos preparados por  
escolas profissionais e diri-  
gidos por mestres consagra-  
dos.

Loulé, com uma população  
fixa de milhares de habitan-  
tes, possuídos de uma es-  
trutura industrial e artísti-  
ca, que embora, uma e ou-  
tra, em escola ainda modes-  
ta, é já motivo de orgulho  
(Continuação na 4.ª página)

### Pintura em férias

Ultimamente a pintura genera-  
lizou-se, multiplicou-se, como as  
culturas agrícolas...

Os museus vieram para a rua.  
El Greco, Rafael, Rubens, e-  
vadiram-se e os sicerones estão  
sem emprego. Esquecem a meia dúzia  
de páginas de todos os dias, que  
declamavam em ares de «poças  
de sabedoria» e que os Ticianos  
e os Miguel Ângelo já se enjoi-  
avam de ouvir, a despeito de em  
seu elogio absoluto.

A pintura e a escultura saíram  
dos claustros e das galerias dos  
museus, e vieram para a rua,  
cansadas da penumbra, por umas  
férias merecidíssimas.

Já não se vai ao Prado ou ao  
Louvre por este ou aquele Velas-  
quez. Os museus estão com escri-  
tos...

Hoje, os tempos mudaram. É  
a pintura e a escultura que vêm  
ao encontro do povo, numa lição  
viva de cultura, em jeito de «Tea-  
tro Desmontável», metendo-se  
pelas ruas, pelos cafés, pelos me-  
tropolitanos, pelos olhos dentro...

As telas giram, têm braços,  
pernas, e palmilham os lugares  
mais concorridos, como esses  
propagandistas do «Tide» e do  
«Omo», que prometem por a hu-  
manidade cada vez mais em  
branco... A escultura segue-o,  
mais pesada, mas lá vai... Hoje  
não é difícil ver o Pensador, «de  
Rodin», o «Colosso de Rodas», o  
«Escriba» nas praças, em «mail-  
lots», bem como a «Venus de Milo»  
a «Dama de Elche» mostrando as  
suas formas modelos...

Quem activa esse grande mo-  
vimento artístico em plena rua?  
A mulher é a sua genial autora.  
(Continuação na 3.ª página)

## Foi inaugurado em S. Brás de Alportel o Monumento a Bernardo de Passos

Com a presença de muitas  
centenas de pessoas que ali  
se deslocaram propositada-  
mente de todos os pontos da  
província, foi inaugurado no  
passado dia 15 em S. Brás  
de Alportel, um monumento  
com que um grupo de ami-

liano da Costa, Dr. Virgílio  
Passos, Major Mateus More-  
no e Joaquim António Nu-  
nes.

O monumento foi solene-  
mente descerrado pela irmã  
do poeta sr.ª D. Virgínia  
Passos Chaves, logo após o



gos do saudoso poeta Ber-  
nardo de Passos quis perpe-  
tuar a memória do insigne  
poeta na sua terra natal.

Presidiu ao acto o sr. Dr.  
António Baptista Coelho,  
Governador Civil do Distri-  
to, que tinha a seu lado os  
srs. Drs. José Ascenso, Dr.  
José Guerreiro Murta, Dr.  
José do Nascimento, Dr. Má-  
rio Lyster Franco, Dr. Emi-

Secretário da Comissão Exe-  
cutiva, sr. Joaquim A Nu-  
nes, ter lido o auto da en-  
trega do Monumento à Câ-  
mara Municipal de Alportel.

Seguidamente usaram da  
palavra os srs. Drs. José  
Guerreiro Murta, Major Ma-  
teus Moreno, Dr. José de  
Sousa Carrusca, Dr. Mário  
Lyster Franco, Dr. Emiliano  
(Continuação na 2.ª página)



# «Loulé... em retrato»

Não tem propósitos de crítica, mas apenas a boa vontade de uma sugestão, porque às vezes habituamo-nos às coisas e nunca mais nos lembramos de as alterar.

Quando será que o Teatro nos dará o habitual concêrto dos discos, em dia de espectáculo, com música nova?

Francamente não se compreende que o seu arrendatário, pessoa dinâmica, moderna e de iniciativa, não se tenha lembrado de dar uma renovação à discoteca do Teatro, que toca os mesmos discos há talvez mais de uma dezena de anos.

São sempre os mesmos fados, as mesmas marchas, os mesmos «foxes» e os mesmos «passo dobles» todas as noites que aquilo toca.

Porque não substituir, por exemplo, o «fado do ceguiño» por «Barco Negro» de Amália Rodrigues, e outras antiguidades por canções mais modernas?

Se estes duraram dez anos, e os que forem renovados duren outro tanto, o encargo, dividido por tantos espectáculos, não representará 1\$00 por cada sessão!

O público ficará mais satisfeito, as pessoas que moram nas imediações do Teatro serão aliviadas da habitual «cega-rega» já estafada e a que se não presta qualquer atenção.

E, afinal, pode ser que a novidade atraia mais frequentadores, porque habituados sempre ao mesmo disco, há muitas pessoas que já nem dão por aquilo que se está a tocar.

Vamos lá, sr. Geró, faça lá este favorzinho, aos louletanos.

A «Ceal» já tem luz e da boa, há algum tempo. Muitas pessoas vão passear de noite até aos Almarjões para ver aquela magnífica iluminação.

Na realidade, aquilo está bonito e foi uma grande obra que Loulé conseguiu para valorizar a sua categoria de grande terra.

Mas quando é que as Câmaras e outras entidades produtoras de energia, se resolvem a consumir a luz da «Ceal»?

Julgaram essas entidades que aquilo foi feito só para vista?

Falavam que não havia produtores de luz, que as exploradoras das centrais térmicas eram deficientes e anti-económicas e agora que têm ali, energia da melhor e em boas condições de utilização, estão apáticas e indiferentes.

Mas isto não pode durar muito. Sim porque o investimento de capital que ali es-

**Não faça os seus segu-  
ros sem consultar  
Castro Correia L.or  
LOULÉ**  
As melhores condições, nas  
melhores companhias

**Propriedade  
VENDE-SE**

Por motivo de partilhas, recebem-se propostas para a venda da propriedade denominada HORTA DOS CANOS, que se compõe de terra de sequeiro e regadio com água de rjó e casa de habitação e de caseiro, confrontando com o Largo das Portas do Céu e a Ponte de Faro.

Dirigir a Viuva de Manuel Moreira — LOULÉ.

tá feito tem de ter a devida remuneração, e, certamente, de motu-próprio ou por compelição, as actuais empresas e entidades, mais dia, menos dia, terão de ser forçadas ao consumo, daquilo que tanta falta fazia e há muito tempo se reclamava!

Se a nossa Câmara fosse a primeira a dar o exemplo de boa vontade, antes de vir a imposição, que, fatalmente, tem de vir?

As automotoras para e de Lisboa andam cheias e super-lotadas. Razão tínhamos nós para afirmar que os algarvios também dão passegeiros, se lhes derem horários convenientes e rápidos.

O estudo desta carreira, já deve ter elucidado a C. P. de que apezar de haver agora um correio e um rápido diário, não faltam passageiros, para irem, até de pé, de Loulé a Lisboa.

Seria altura de se ir sugerindo à C. P. que é tempo de arranjar mais que uma automotora ou meter, com o mesmo horário, uma diesel-eléctrica, rebocando dois salões.

Há gente para tudo e com dois bons salões, aumentava muito a comodidade da viagem. A C. P. corresponderia assim à simpatia e preferência que o Algarve lhe tem demonstrado e vinha um pouco, dentro daquilo que deve ser a sua principal função, ao encontro da melhoria de comodidade dos seus passageiros e do serviço público que exerce.

Reporter X

**João Caetano de  
Sousa Leal, Limitada  
LOULÉ**

TRESPASSA-SE A SEC-  
ÇÃO DE RETALHO  
DESTA FIRMA

Por falecimento de um dos sócios e por outro não poder estar à frente das Secções de Retalho e Atacado.

Casa com mais de 50 anos de existência e bem localizada. Dão-se facilidades de pagamento.

Tratar com Viúva de João Caetano de Sousa Leal ou António de Sousa Leal.

**PRECISAM-SE**

ANGARIADORES para venda de rádios e outros artigos. Boa comissão.

Dirigir-se a José Guerreiro Martins Ramos—Rua de Portugal, 31 — Loulé.

**Aprecia Licores?  
Experimente**

**«Presto»**

V. Ex.ª pode possuir excelentes licores, na sua frascueira, com um dispêndio mínimo.

Basta visitar a mercearia de ANTÓNIO DA SILVA — Rua 5 de Outubro, 45 em Loulé, onde encontrará «PRESTO» no paladar que mais lhe agrade.

**CASA**

VENDE SE uma casa com chave na mão, com jardim à frente, 6 divisões, luz, quarto de banho e horta com água tirada a motor e ainda 4 compartimentos separados para arrecadação. Junto à estrada de S. Brás, próximo da Rotunda da Avenida.

Tratar com Agostinho Bernardo — Loulé.

## TEMAS SOCIAIS

# As quadrilhas

(Continuação da 1.ª página)

cuados das saias balão, lori-nhões e lencinhos de renda. Logo após, a quadrilha francesa fez a sua época nos salões e não havia baile ou sessão dançante digna desse nome que se não iniciasse com a quadrilha de honra marcada por pessoa de elevada posição social ou conhecimentos de francês. Na quadrilha dançavam todos os presentes à reunião e a maior azáfama se desenvolvia na procura de par e respectivo par contradançante. Geralmente havia também quadrilha de encerramento. No intervalo era de hábito dançar a valsa, a mazurca, a polca, o tango, a maxixe, o corridinho, o fado, etc., etc..

Modernamente dançam o «Swing» e o «Rock and Roll», dança estas que primam pela sua elegância, compostura e distinção. Verdadeiras obras primas da coreografia actual...

O tempo corre e a sua ampulheta não estanca de despejar a areia da vida que assim se vai extinguindo, dissipando e apagando...

Há ainda outras quadrilhas, mas estas perigosíssimas, porque ao contrário daquelas são de temer e de recear. Onde estabelecem campo de acção tudo consomem, tudo devoram, tudo destroem.

Nada resiste à sua voracidade e ânsia de locupletação.

Formam-se geralmente de elementos variados, dispostos a tudo, contanto que de aí lhes advinha benefício. Não têm escrúpulos da menor espécie e aí daquele que lhes caia nas mãos ou passe ao seu alcance. Estão os seus componentes instalados nos mais variados lugares, mas o lucro é repartido por todos, numa proporção previamente estabelecida e de maneira a não descontentar certos deles, senão tudo perdido. Uns estão em situação de distribuir disfarçadamente as benesses, mas não querem compromissos nem responsabilidades. Fazem as coisas como se fosse o mais normalmente possível, que, claro está, levam a chancela do executante e este fica com direito incontestado à sua parte no lucro. Os outros limitam-se a coonestar as coisas e recebem também a sua parte. E nesta teia vão vivendo, sugando o sangue ao infeliz que lhes cai na rede.

São geralmente as pessoas do campo, os habitantes das freguesias e mesmo os da vila, iletrados ou pouco afeitos às andanças da vida moderna, as suas pressas. Levam-lhes a bolsa e a fazenda. Praticam os maiores desmandos e falcatruas e apresentam-se sempre como amigos desinteressados, dando-se ares de ajudar a

desbravar terreno a quem não sabe por onde se começa, nem como se lhe pega. Constituem porém quadrilha, que se arregimenta, se combina e se conluia. Constituem-na pessoas que ninguém diria nem pensaria. São indivíduos dispostos a tudo e estão instalados nos melhores lugares para exercerem a sua nefasta acção.

É preciso muito cuidado para investir com tal quadrilha, pois sempre foi perigoso coçar a barriga a certos equídeos quando estão comendo, no conhecido dizer de um célebre e já falecido político do nosso país. São adversários temíveis e sem escrúpulos, a tudo dispostos e que andam também armados.

Têm porém de ser denunciados à execração pública e amarrados ao pelourinho da ignomínia para que se saiba quem são. Tarefa ou-sada e perigosa mas que é necessária, para limpar a sociedade de tal perigo.

Numa freguesia do nosso concelho já isso está um tanto atenuado, já a quadrilha não faz tanto dano, porque apareceu um defensor daquela boa gente. Noutras freguesias não aparecerá também alguma pessoa corajosa, destemida, inteligente que possa secundar a acção daquele Herói?

Temos esperanças de que sim, pois somos dos que não descrêm no aparecimento de voluntários para a boa causa.

O que é importante é ir reduzindo a esfera de acção de tal quadrilha e ir pacientemente coleccionando dados, datas, factos e testemunhos para na altura própria entrarem em função.

Haverá, por ventura gente de boa vontade que a tanto esteja disposta?

Solimão Fagundes

x-x-x-x-x-x-x-x-x-x

**Inauguração do monumento  
a Bernardo de Passos**

(Continuação da 1.ª página)

da Costa, o poeta Marques da Silva e por fim o sobrinho do poeta sr. Dr. Virgílio Passos.

Todos os oradores exaltaram a figura brilhante do distinto poeta algarvio Bernardo de Passos enaltecendo o seu encantador lirismo todo simplicidade e candura na consagração dos pobres e dos humildes, da natureza simples e das aves inocentes, tendo o sr. Dr. Virgílio Passos especialmente focado a gratidão da família e historiado as várias ajudas e incentivos recebidos para realização do monumento.

## Impressões de momento

# Terras do Sul Viana do Alentejo e o ALGARVE

Terra plena de sol, tão característico desta região trastagana, onde o terreno, liso e água, tem efectivado prodígios de moles imensas, inescudidas pelo tempo que já não volta, para testemunhar, aos presentes e vindouros, que os homens se libertam sempre da lei da morte desde que realizem o Bem da humanidade.

A maioria dos seus primores, são comuns aos que o Algarve nos oferece na roda do seu ano agrícola.

A natureza, nunca recusou a colaboração ao trabalho humano, desde o momento que a scuberam compreender. Porque, o trabalho do homem, será sempre abençoado, desde a hora que se não esquive a cumprir a sua alta e nobre missão de realizar.

Para o manter proveitoso, é necessário quem superintende nos direitos individuais, esteja suficientemente esclarecido dalgumas deficiências ainda existentes.

Tanto aqui no Alentejo, como no Algarve, devem existir pontos de contacto, arestas que os homens responsáveis, que não sejam indiferentes ao equilíbrio da dignidade humana, precisam limar o que não esteja certo.

Felizmente, para as faltas que possam haver, ainda há os elementos indispensáveis para o fazer.

Viana do Alentejo, além do que tem realizado há uns tempos a esta parte, está levando a efeito algumas obras públicas e outras particulares.

Obras que ao serem mencionadas — as do Estado — fazem recordar o vulto de saudosa memória que, na alavanca do governo da Nação, continua a ser exemplo e probidade, a dirigir as grandes realizações do nosso tempo.

Este ilustre algarvio e louletano, por nascimento, com o desastre ocorrido no Alentejo, ficou ligado a estas províncias do sul em tão infausto acontecimento.

Desta forma, com o trabalho mencionado, os profissionais, terão ocasião de mostrar a sua técnica, o seu valor nas duas províncias, modificando dessa maneira o aspecto urbanístico dos centros populacionais que guardem as melhores tradições. Com a electrificação aqui, e o serviço das águas que está a ser levado a efeito, recorda o que até nós tem chegado de: ser Loulé, das terras algarvias, a que mais tem realizado com o concurso do Estado, Município e população.

Porque os louletanos continuam ainda a cultivar os melhores sentimentos de «bairrismo» indispensável às grandes obras da época presente.

De futuro, se a oportunidade o aconselhar e as possibilidades o permitirem, ainda muita coisa haverá a dizer sobre as duas terras—Viana do Alentejo e Loulé.

F. D.

x-x-x-x-x-x-x-x-x-x

**PRAIA**  
de

**QUARTEIRA**

Resultou muito animada a Festa da Canção da Praia de Quarteira que se realizou no dia 19 no Parque de Diversões da Junta de Turismo e que teve a colaboração dos balharinos profissionais Yola e Paulo.

Pena foi que o tempo não ajudasse; porém, a assistência demonstrou o interesse geral em conhecer a canção premiada entre as 6 composições recebidas.

O Júri, composto pelos maestros algarvios Pavia de Magalhães, professor do Conservatório Nacional de Música, Frederico Valério e João Nobre, atribuiu o 1.º prémio à marcha-canção da autoria do sr. António de Castro, de Lisboa, e uma menção honrosa, dada a inspiração de que era dotada, à música de que é autor o sr. Luís Miguel, de Lagos.

Maria José Valério, a insinuante vedeta da rádio, que passa as suas férias entre nós, cantou a Canção de Quarteira com um entusiasmo que a letra inspirada e a música vibrante justificam e que o público largamente aplaudiu.

Que esta Canção da Praia de Quarteira, quando ouvida através da Rádio, como se pretende, sirva, não para embalar ainda mais as vontades adormecidas dos nossos comprouvianos, mas antes os desperte para um caminho de prosperidade turística, que o mesmo é dizer de prosperidade económica da nossa Praia.

Nesta ordem de ideias falou durante o espectáculo o Presidente da Junta de Turismo e fez algumas considerações o sr. H. Neves Franco, presidente da Comissão de Turismo e Propaganda da Casa do Algarve, em Lisboa, acerca do fomento do turismo algarvio em comparação com o que fazem os mais dinâmicos norte-nhos. Terminou por indicar mais uma vez o caminho a seguir, com a sua larga visão e conhecimento das realidades turísticas nacionais, pois, como disse, não lhe restam dúvidas, através também da opinião de outros, que à nossa Província está reservado um futuro turístico de grande valor, que os vindouros não-de testemunhar.

Devemos finalmente noticiar a atitude simpática do autor da música da Canção, destinando o prémio de mil escudos, que lhe coube, ao Hospital de Loulé.

Um dos dois

**Não compre**

**Mobílias ou adornos**

**para o seu lar**

sem que tenha apreciado a grande exposição da casa

**HORÁCIO PINTO GAGO**  
(antiga firma PINTO & PEREIRA)

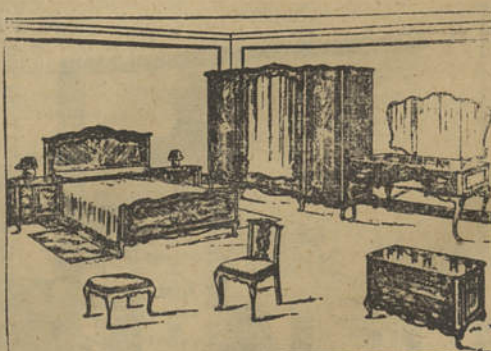
Avenida José da Costa Mealha — LOULÉ

**MOBÍLIAS — ESTOFOS — TAPEÇARIAS**

Agente do famoso produto **SYNTECO** (que resolve o problema do encerramento periódico)

Preços fora da concorrência

As mobílias são entregues em casa do cliente em furgoneta própria da casa





# Farinhas para gado Pintura em férias

## "MELAFLO"

Experimente os novos lotes especiais para SUINOS E VACAS LEITEIRAS e verificará um incontestável aumento de peso nos animais e aumento na produção de leite, porque estas farinhas são feitas com produtos da melhor qualidade e de preparação recente. Faça desde já os seus pedidos aos revendedores no Algarve:

Teófilo Fontainhas Neto — Messines.

Brito, L.d<sup>a</sup> — Faro.

João Martins Calvário — Silves.

União de Mercarias do Algarve, L.d<sup>a</sup> — Loulé.

Manuel Esteves — Loulé.

## Trespasa-se

Estabelecimento comercial, de mercearias e vinhos, com toda a existência e mobiliário.

Tratar com Viuva de José Joaquim Laginha — Rua da Barbacá — Loulé.

## HORTA

Vende-se uma horta com árvores de fruta e muita água, casa de habitação e ramada, na Campina de Cima. Nesta redacção se informa.

## PRÉDIO

Vende-se um prédio, com rez-do-chão e 1.º andar, na Rua Engenheiro Duarte Pacheco.

Tratar com Joaquim Correia Barrocal — Loulé.

## VENDE-SE

Uma morada de casas com 2 compartimentos, na Rua da Larajeira.

Quem pretender dirija-se ao seu proprietário Armando Mendes Coelho (Armandinho) — Loulé.

## AGENCIA PENINSULAR de VIAGENS E TURISMO

Rua Conselheiro Bivar, 58—Telefone 216—FARO

Passagens Aéreas, Marítimas e Terrestres para todos os Países da

Europa, África, Américas do Norte, Sul e Central,

aos preços oficiais de todas as Companhias.

Obtenção de passaportes e vistos Consulares



## OS NOSSOS FILHOS

Recebemos os números de Agosto e Setembro da Revista «OS NOSSOS FILHOS», os quais tratam, entre outros, dos seguintes assuntos:

Horários para bebés — O bebé e o banho de sol. Os brinquedos do bebé — Conselhos às senhoras que esperam bebé — Problemas de hereditariedade — Crianças que não querem comer. O seu filho detesta a leitura? — Crianças medrosas A educação estética no ensino — Exposições escolares — Colónias de férias — O casamento e os seus problemas — Noticiário Correo — Culinária — Receitas práticas — Bordados e rendas — Figurinos, etc.

«OS NOSSOS FILHOS» é a única Revista para os Pais que se publica em Portugal, e tem a sua Redacção na Rua de Infantaria Dezassels, 69-2.º em Lisboa.

## AFRICA

Precisa-se bate-chapas competente, para trabalhar na África Oriental Portuguesa, com conhecimentos de soldadura a hilótrógeno. Ordenado a combinar.

Dirigir a Manuel Augusto Nascimento — Campina de Cima — Loulé.

(Continuação da 1.ª página)

Postos de parte os «batons» e os «riméis» da sua pintura primitiva, a mulher decidiu-se pela pintura dos tecidos, emoldurando de sorrisos as várias telas de seda, chita e algodão do seu génio...

Hoje, graças a ela, a pintura edita-se aos metros, ampliando-se em extensões infinitas, que vestiriam o globo terrestre. Na Covilhã, fazem-se Degas e Corots como se tecem Desportex's ou casimiras.

A paisagem, a «natureza morta», a figura, o panorama, tudo se edita aos metros.

Nos nossos dias qualquer tela tem milhares de reproduções, milhares de imagens para mil e uma clientes. Simplesmente é difícil ver dois vestidos iguais em duas senhoras amigas, mas há milhares de vestidos, do mesmo padrão, em milhares de senhoras que não se conhecem... Isto prova, talvez, qualquer coisa de estranho na solidariedade feminina...

No museu das ruas, onde as pinturas e as esculturas se traduzem por manchas animadas por Walt Disney, há desenhos animados para todos os gostos e para todas as cores, desde a «Branca de Neve» até à «Gata Borralheira»...

Cada vestido, cada padrão, cada corte, tem uma linguagem própria na filosofia da mulher, esse compêndio-calhamaço, embrenhado na sua compreensão — mais que uma floresta imensa!

Falará a mulher na sua linguagem de trapos um idioma compreensível? Negará ela a dura verdade que afirmei, ao concluir «ser mais difícil compreender uma mulher que uma mulher compreender o difícil?».

Vamos tentar definir a sua filosofia...

Vestido de espinhas, desenhando a empena dum telhado, aguardando cobertura... Peixe magro, fora da sua temporada e do seu Eu. Uma espinha autêntica, capaz de enganar o mais desprevenido nestas coisas de padrões... Vestido florido. Uma espécie de «natureza morta», bordada de flores ou florida de estampados, quer ao acaso, sem simetria, quer em «bouquet». Símbolo da despedida de verão, com passaporte para o outono...

Vestidos de xadrez, listrados ou riscados. Mulher impressionista que, longe de reclamar abstracionistas, cubistas ou quejandos, faz o seu elogio... Defende-se a si própria, dando nas vistas, procurando sair da «camisa de onze varas» desse padrão, afirmando ao mesmo tempo (se o vestido é de riscas) não estar riscada, de todo, para a hipótese dum casamento.

Vestido de vermelhos gritantes como um «passe double» esguealhado, ou rubro como as notas dum clarim rasgando a sonolência do alvorecer... Mulher — Benfica, armando à popularidade, em busca dum encontro de grande... categoria ou de... um Brasil

Vestidos de bolas, bolinhas ou pintas. Uma ideia da mulher genérica, à qual todas as modalidades servem, desde o ping-pong ao futebol. Própriamente dito, não tem especialidade. Venha quem vier, conquanto que seja alguém, como dizia o poeta Ribeiro de Carvalho...

Vestido de barras, de argolas ou similares. Mulher — ginásio. Curso da I. N. E. F., sem discípulos... Preocupação em achar o primeiro que se pendure para a grande ginástica do casamento...

«Short» «macaco» ou «mailot». Mulher de tanga, em busca de fortuna. Tirocinante para Eva & Adão... Mulher-origem, a concretizar a teoria infalível de Darwin...

Fato de armas atômicas, não atômicas, etc... Mulher — canhão, que só vem à rua em dias de parada... Mulher-fatal, que pode tornar-se um perigo no faquirismo das suas setas ou punhais...

Vestido de ramagens... Se é gorda, mulher-biombo, enchendo a rua com a atenção para o seu volume... Se é magra, mulher-pancada de árvore, disposta pelos futuristas com as pernas pintadas ao contrário...

Vestido de jornais. Mulher muito lida e relida. Edição que perdeu a oportunidade, desde o artigo de fundo ao roda pé do folhetim... Mulher-turismo, com a Torre de Babel. Pagode de Sampan, góticos da Catedral de Colónia e a Estátua da Liberdade e a Torre Eiffel, a procurar atrair à vertigem do matrimónio o viandante...

E esta a pintura a férias que saiu dos museus, deixou os siceiros a braços com o inércia e anda, por aí, nos grandes quadros das montras e das janelas, a mostrar-se, omitindo catálogo ou prego.

Utrillo, Dufy e Rembrandt estão... se nas tintas desses imitações, trazidas pela mulher que descobriu uma nova modalidade para dar ar aos grandes mestres e mostra-nos a sua arte...

Faro, 22 - VIII - 1957

António Augusto Santos

x-x-x-x-x-x-x-x-x-x

## «Os Transportes»

NÚMERO ESPECIAL DEDICADO AO ALGARVE

(Organização do Jornalista Luís Sebastião Peres)

O Jornal «OS TRANSPORTES», de Lisboa, de grande expansão para o Portugal Continental, ultramarino e insular e no estrangeiro, fez editar um NÚMERO ESPECIAL dedicado à Província Algarvia, organizado e coordenado pelo conhecido e apreciado jornalista algarvio, Luís Sebastião Peres; o qual, em formato de revista, profusamente ilustrado, vai ser posto à venda, ao preço de 750.

Este NÚMERO que contém 40 páginas de valorizada colaboração de figuras de marcante posição na poesia e no jornalismo algarvio, reúne também interessantes depoimentos dos presidentes dos Municípios algarvios e de outras entidades oficiais do Distrito.

NÚMERO ÚNICO que todo o algarvio que ame a sua Província deve adquirir, dirigindo, desde já, os seus pedidos à:

Redacção de «OS TRANSPORTES» — Rua José Estevão, 61, ou à «CASA DO ALGARVE» — na Rua Capelo, n.º 5 - 2.º, em Lisboa. Também se encontra à venda, na Livraria Mónaco, no Rossio.

## Empregada

De preferência com prática de cabeleireira, precisa-se. Nesta redacção se informa.

**PHILIPS**  
A GRANDE MARCA DE RENOME MUNDIAL  
Modelo BX - 758 - A

2 Esc. 3.850\$00

Qualquer que seja a marca e estado, o seu velho rádio valerá 750\$00, em troca com este modelo

Consulte o Agente oficial da Philips

**José Guerreiro Martins Ramos**  
Rua de Portugal, 31  
LOULÉ

RÁDIOS PORTÁTEIS TRANSISTORIZADOS (baixo consumo)  
AUTO - RÁDIOS / RÁDIOS para corrente / RÁDIOS desde 1.595\$00 / desde 1.095\$00 / para bateria

Rádiorafones, Gira Discos, Aspiradores, Enceradoras, Máquinas para barbear

GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

Qualquer que seja a marca e estado, o seu velho rádio valerá 750\$00, em troca com este modelo

Consulte o Agente oficial da Philips

**José Guerreiro Martins Ramos**

Rua de Portugal, 31

LOULÉ

RÁDIOS PORTÁTEIS TRANSISTORIZADOS (baixo consumo)

AUTO - RÁDIOS / RÁDIOS para corrente / RÁDIOS desde 1.595\$00 / desde 1.095\$00 / para bateria

Rádiorafones, Gira Discos, Aspiradores,

Enceradoras, Máquinas para barbear

GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

## Dr. Teodoro de Sousa Pedro

CLÍNICA GERAL

Consultas:

Casa de Saúde «Dr. António Frade»

das 15 às 18 horas

Telefone 52

Residência: RUA 5 DE OUTUBRO, 67 — Telef. 196

LOULÉ

## Loulé e a sua Escola Técnica

(Continuação da 1.ª página)

em 12 de Abril de 1956 com Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional, Prof. Eng.º Leite Pinto.

Repassando pela mente os componentes dessa simpática Comissão, nota-se, com profunda mágoa, que a lei da morte já nos arrebatou do nosso agradável convívio, essa veneranda figura de médico insigne e benemérito da Pátria que foi Bernardo Lopes. Aproveito este momento para prestar à sua inolvidável memória o preito das minhas rendidas homenagens.

Além deste depoimento que transcrevemos na íntegra outros se seguirão, sendo o próximo, — muito interessante e sugestivo — dum outro leuleta, aqui residente: sr. José Maria Mendes, ex-Mestre da extinta Escola Comercial e Industrial Tomás Cabreira, de Faro; actualmente exercendo funções públicas na Direcção Geral de Transportes Terrestres.

Agora que soou a Hora de Loulé, quando soar a hora de

Tavira e Vila Real de Santo António?

Também se justifica a criação, de Escolas desta natureza, nestes importantes centros industriais e agrícolas algarvios.

Por se reconhecer estarem essas escolas na base de todo o progresso público e privado, nos aliceres de toda a prosperidade colectiva, na origem de toda a melhoria do padrão da vida actual, que é ainda baixíssimo; é que prosseguiremos na tarefa a que nos impuzemos: «batermo-nos por uma juventude algarvia habilitada a defender-se das surpresas e armadilhas que a vida pode trazer-lhes; guiando-a a situações privilegiadas e onde possa revelar a sua capacidade artística».

O nosso grito será sempre: «Dê-m-se à juventude algarvia possibilidades de uma melhor preparação técnica de que carece». E, neste caso, temos TAVIRA e VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO!

Luís Sebastião Peres

moldado segundo as suas conveniências. Ir à missa, nem pensar nisso por causa do temporal, mas isso pouco lhes importava porque nunca lá punham os pés.

O fogo do vinho fino da Hungria que eles desconheciam começou a produzir os seus efeitos e a Noite Sagrada começou por uma celata de carne, puré alvo e tudo o que de melhor puderam apanhar. As pragas e danças impuras não faltavam e o desrespeito pelo jejum e coisas sagradas atingia as raias da insanidade. O homem zanaga, simulou mesmo um ofício divino, repartindo o pão e bebendo cálices sobre cálices; chegou mesmo ao acto repentiníssimo de baptizar um cão que ressonava ao pé do lume e tantos foram os seus abusos que os próprios comparsas de tanta selvajaria se começaram a sentir pouco à vontade. Tinha um daqueles vinhos provocadores, capazes de tudo, e para ir mais além com as suas proezas, porque as ameaças já não aterrizavam ninguém, pegou numa broca e vá de furar o batoque, como se fosse a coisa mais natural e própria para o fim da ceia. Todos o filaram em grande desassoscego, mas tarde de mais, porque ele, desvalado, a rir, como se fosse o diabo em pessoa, já tinha dado um puxão violento na broca. Um trovão possante fez estremecer toda a casa e o pecador caiu desamparado ao chão. Uma torrente de fogo jorrou do venaco e balouçando sobre as ondas, grande e negra, passou com o veneno acumulado em séculos, a aranha.

Enfiteçados pelos olhos fosforantes do bicho, os outros não puderam fazer um movimento mais e aguardaram um a um que a aranha lhes trespassasse muito vagorosamente até ao rosto e aí lhes instilasse muito à sua vontade e com todo o gosto, a sua peçonha. A casa tremeu então com um horrível grito de dor, como se cem lobos esfaimados uivassem conjuntamente.

Ouvindo um grito igual em sua casa, Cristeu que regressava da missa, correu desassombradamente em benefício dos seus, porque supunha a casa atacada por ladrões. Apesar da sua obediência passiva à mãe e à esposa, era um homem valoroso que confiava no seu braço forte. O que encontrou é indistritível sua mãe a um lado e sua esposa a outro jaziam lá sem voz, mostrando suas caras torradas como café, mas com estremecimentos galvânicos de agonia dolorosa. E como contraste, os filhos do seu desgraçado matrimónio sorridentes como anjos, e os seus rostos apresentavam uma coloração de saúde. Adivinhando logo o que se teria passado, Cristeu correu como um gamo à casa de baixo e viu-a transformada em depósito de cadáveres informes e entre eles, ainda segurando a broca, o malvado servo.

Com o coração alanceado, só desejava agora que o chão se abrisse para não ver mais nada, quando qualquer coisa rastejou detrás do fogão e veio chegando para ele. Mas não eram as patas venenosas, era o rapazito que ele aceitara por esmola e deixara entre aquela

Folhetim de «A VOZ DE LOULÉ»

Número 28

JEREMIAS GOTTHELF

## A aranha negra

(ROMANCE)

Tradução do Alemão por E. Rocha Gomes

criadagem sem escrúpulos, como realmente muitas vezes acontece, quando se tomam crianças por amor de Deus e se jogam às mãos do Diabo. O rapazito fugira assustado para detrás do fogão e só ele foi poupado, porque nem as suas palavras nem as suas mãos se tinham tornado ímpias e só ele podia contar tudo o que se passou.

Ainda a madrugada vinha longe e já a notícia corria de casa em casa; que a velha aranha se tinha soltado e que agora mais do que nunca andava a empestar tudo e que eram as casas dos ricos as mais preferidas, porque era aí onde menos se pensava em Deus e muito no mundo. Ninguém mais pensou nos consolos que a Noite de Natal costumava trazer — O terror multiplicava-se, pois o bicho parecia ter o dom da ubiquidade. Alguns já nem coragem tinham para mudar de sítio e aguardavam que os clarões venenosos viessem ao seu encontro. E mesmo, era escusado fugir: A aranha sabia o número da porta e maliciosa, parecia dizer: «Cá estou outra vez, gente ímpia; Não valeu a pena encerrarem-me por tanto tempo». A colheita era cada vez maior e para evitar muitas consequências aproveitava os ajuntamentos e cortejos e era sobre os caixões nos enterros que ela volutuosamente mirava as suas vítimas. De nada valiam o grito uníssono do horror ao vê-la, porque, homem após homem tombava mesmo ali, formando uma fila de cadáveres pela rua como guerreiros caídos à volta da sua bandeira, após luta feroz com adversário mais poderoso.

Os cadáveres apodreciam nas próprias casas, o desespero reinava em todos os corações e sobre Cristeu reunia-se agora um ódio surdo, como se ele fosse o culpado de tudo. Era do conhecimento de todos que ele não queria abandonar a casa velha, não só por ter em mente os conselhos de sua avó como pelo desregramento que isso iria causar entre a criadagem. Toda a população sabia isso e ainda da sua grande piedade, da sua acendrada devoção, dos seus jejuos e de como era contrário à vida ímpia da sua família. Mas era preciso alguém que arcasse com as responsabilidades, e Cristeu, o homem verdadeiramente crente entre eles, foi considerado o único ímpio, e as

pragas e maldições choviam sobre a sua pessoa. E tudo aceitava com resignação, porque em tudo via a mão poderosa de Deus. E, numa humildade profunda, apresentava-se como se culpado fosse e esta responsabilidade que tomava, ainda acirrava mais os ânimos. Bem culpado deve ser para assim se humilhar e chegar ao extremo de se julgar um nada. E, de verdade, Cristeu pensava que o despotismo da família sobre ele não era mais do que um castigo pesado e ele não se podia furtar ao ajuste de contas que Deus quer. Mas os falsos crentes, para amenizarem a cólera de Deus, vestiram-se pobremente e em vez de rosários de bogalinhos de ouro, passaram a usá-los mais modestos e assim se convenceram de que estavam na razão, atirando para o fundo dos Infernos com as ostentações e vaidades que eram os únicos causadores da sua desgraça. Queriam convencer-se de que tinham sido sempre crentes e passaram a convencer disso o próprio Deus.

Só Cristeu, com a sua verdadeira fé em Deus, rezava dia e noite para que o mal terminasse. Uma voz íntima lhe bradava que tinha de dar-se a si próprio, como já anteriormente o tinha feito a sua antepassada. Foi rezando sempre a Deus que lhe nasceu no peito ardente e impetuosa a decisão de salvar o seu torrão natal e a decisão aliou-se à coragem firme que não vacila e está sempre pronta para o mesmo, tanto de manhã como à noite.

A sua primeira resolução foi mudar-se novamente para a casa velha; e como a sacrificada anterior, preparou um batoque, mandou benzê-lo e sentou-se sobre a cama das crianças de martelo em punho.

Rezava permanentemente, lutando contra o sono que conseguira vencer, mas a aranha, certamente ocupada noutro sítio, ainda não achara a ocasião oportuna para o visitar.

Havia uma mulher odienta e vingativa entre o povo, mulher sem religião, sem temor de Deus, e foi ela, exactamente neste momento exarcebante, que fez ressuscitar a velha crença da criança imbatizada para entregar ao Demónio. Os factos repetiam-se e esta mulher sem crenças estava prestes a dar à luz o fruto das suas entranhas.

Sabia-se como os antigos se tinham defendido do caçador, quando uma mãe estava nestas condições, e como o padre era o escudo que punham entre si e o eterno inimigo. Mas tudo servia de argumentos para se esquivarem a ir chamar o padre: ou os mortos que ainda atulhavam os caminhos ou o receio de que a aranha os encontrasse. Ninguém se atrevia. Mas o coração do pai a tudo se dispunha: Se a morte venenosa lhe estava destinada, pensou ele, tanto fazia estar aqui como ali.

(Continua no próximo número)



# Aproxima-se a abertura das aulas!

Auxilie o vosso filho a progredir nos estudos, proporcionando-lhe a utilização do que ele considere imprescindível para melhor aproveitamento escolar no LICEU, no COLÉGIO, e na ESCOLA TÉCNICA nas Escolas Primárias

## Visite a PAPELARIA LOULETANA

Onde pode comprar com facilidades de pagamento ou em regime de Conta Corrente:

### Todos os livros escolares

ESTOJOS DE DESENHO

### Pastas e malas escolares

Grande variedade de cadernos, lápis, canetas, lapiseiras, borrachas, tintas, etc.

### Sapatos próprios para ginástica

### Agente das máquinas de escrever «Princess»

(o que ha de melhor no seu tipo)

Pastas e malas escolares e de viagem—Oculos para Sol

Artigos religiosos — Máquinas de barbear e estojos

### Grande variedade de artigos em plástico

**ERO**

A caneta que melhor lhe serve:  
Pela modicidade do seu custo  
Pela elegância da sua fabricação  
Pela excelente qualidade do seu aparo.

Comprando uma ERO comprará uma boa caneta por 35\$00

ARTIGOS PRÓPRIOS PARA BRINDES

Descontos especiais para os Senhores Professores

## Tudo aos mais baixos preços do mercado!

## Material escolhido nos melhores fornecedores do país

Não faça as suas compras sem visitar o estabelecimento de

**MANUEL DE SOUSA LOPES**

Largo Gago Coutinho

Telefone 100

**LOULÉ**

## Notícias pessoais

### PARTIDAS E CHEGADAS

— Acompanhado de sua esposa, sr.<sup>a</sup> D. Cecília Ascensão Carriho Lima, partiu para o Norte em viagem de recreio o nosso prezado amigo e assinante sr. Manuel Guerreiro de Matos Lima, residente em Quarteira.

— Acompanhado de sua esposa sr.<sup>a</sup> D. Maria Eugénia Viegas Monteiro, e de sua filha menina Maria Manuela Viegas Monteiro, retirou ná dias para Luanda, o sr. Normando José da Rocha Monteiro, nosso prezado assinante.

— Em goso de férias encontra-se entre nós acompanhado de sua esposa sr.<sup>a</sup> D. Beninda do Pilar Ricardo e filho Luís Filipe, o nosso prezado assinante em Lisboa, sr. Sebastião Alexandre da Silva Ricardo.

— Também se encontra entre nós em gozo de férias o sr. Leonel Grosso Gonçalves, nosso prezado assinante em Lisboa.

### CASAMENTO

— Teve lugar no passado dia 8 do corrente, na igreja paroquial de Querença, o enlace matrimonial do nosso prezado amigo sr. Manuel José da Silva Guerreiro, digno Director Escolar de Loulé, filho da sr.<sup>a</sup> D. Juliana Rosa da Silva e do sr. José Guerreiro Parreira, com a sr.<sup>a</sup> D. Otilia Marques Correia, também professora oficial, prezada filha da sr.<sup>a</sup> D. Emilia Marques Evangelista e do sr. José Correia.

Foram padrinhos, por parte da noiva, o sr. Eng.<sup>o</sup> José Martins Farrajota e sua esposa sr.<sup>a</sup> D. Catarina Pinto Farrajota e por parte do noivo o sr. António José Lopes Pontes Eusébio e a sr.<sup>a</sup> D. Maria Madalena Teixeira Farrajota.

Finda a cerimónia, o cortejo nupcial dirigiu-se para Faro, onde foi servido um finíssimo «copo d'água» em casa do irmão da noiva sr. Joaquim Marques Correia.

Ao novo casal, que fixa a sua residência nesta vila, endereçamos as nossas felicitações com desejos sinceros de uma perene lua de mel.

## Banco Nacional Ultramarino

Por ter sido promovido à classe imediata foi colocado na Dependência da Régua, o empregado da Agência do Banco Nacional Ultramarino sr. José Germano Pedro Lopes, que prestava serviço na Agência de Loulé desde o início do seu funcionamento, e que durante a sua permanência nesta vila grangeou de gerais simpatias.

Em sua substituição foi colocado em Loulé, o sr. Viriato de Passos Valente Santos, que prestava serviço na Dependência de Faro.

Para reforço do quadro da Agência desta Vila foram aqui colocados os empregados Dail Ginelast Campos, Carlos Santinho Horta e o nosso conterrâneo Manuel Guiomar Estevão.

## Jogos Florais de Albufeira

(Continuação da 1.<sup>a</sup> página)

Bota Guerreiro, Barreiro; 4.<sup>a</sup>, sr. Camilo Rebelo Gomes, Lisboa.

### POESIA OBRIGADA A MOTE

1.<sup>o</sup> Prémio, sr.<sup>a</sup> D. Lúcia Correia Serras Pereira, Lisboa; 1.<sup>a</sup> Menção, sr. Carlos Augusto Martins Soares, Faro; 2.<sup>a</sup>, sr.<sup>a</sup> D. Ruth Vieira Tavela de Sousa, Albufeira; 3.<sup>a</sup>, sr. José Manuel Pereira, Vila Real de Santo António; 4.<sup>a</sup>, sr. Vítor Castela, Faro.

### QUADRA POPULAR

1.<sup>o</sup> Prémio, sr.<sup>a</sup> D. Lúcia Correia Serras Pereira, Lisboa; 1.<sup>a</sup> Menção, sr.<sup>a</sup> D. Elisa da Conceição Silva Maçanita, Portimão; 2.<sup>a</sup>, sr. com o pseudónimo *Zé das Rimãs*; 3.<sup>a</sup>, sr. Vivaldo Beldade, Faro; 4.<sup>a</sup>, sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição Sousa Eloi, Albufeira.

### CONTO

Nesta modalidade não foram atribuídos prémios, por o ex.<sup>mo</sup> Juri não ter tido tempo de fazer a devida classificação. Os originais vão ser entregues oportunamente aos seus autores.

NOTA — O ex.<sup>mo</sup> Juri era assim constituído:

Prof. Ens. Téc. sr. José Ricardo Júdice Samora Barros, Prof. Ens. Sec. sr.<sup>a</sup> D. Maria Noémia Marcelino Martins, Juiz de Dir. sr. Dr. António da Encarnação Pereira.

## Despedida

José Germano Pedro Lopes, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, por falta de tempo, vem por este meio, apresentar os seus cumprimentos de despedida a todas as pessoas amigas, agradecendo as atenções dispensadas durante a sua permanência nesta vila e oferecendo os seus préstimos na Régua, onde acaba de ser colocado na Agência do B. N. U., daquela vila.

## Empregada

Precisa-se, para consultório.

Tratar na Rua Joaquim Nunes Saraiva, 37 (Rua do Tribunal) das 13 às 15 horas.

## Câmara Municipal de Loulé Escola Comercial e Industrial de Loulé A V I S O

Tendo sido criada a Escola Comercial e Industrial de Loulé, por decreto recente, o Governo, considerando que é de inteira razão que, no próximo ano escolar, se inicie o funcionamento das escolas criadas, abriu uma excepção para permitir que se realizem exames de admissão ao 1.<sup>o</sup> ano do ciclo preparatório, fóra da época normal.

Assim, torna-se público, de harmonia com as instruções que superiormente foram recebidas, que, na Secretaria desta Câmara Municipal, durante as horas de expediente, se aceitem, até ao dia 30 do corrente, devidamente preenchidos boletins de inscrição para o exame de admissão ao 1.<sup>o</sup> ano do ciclo preparatório da Escola Comercial e Industrial de Loulé, no qual será aposta uma estampilha fiscal de 30\$00 inutilizada pelo candidato ou por seu pai ou tutor.

Ao boletim de inscrição para exame deverão os candidatos juntar os seguintes documentos:

- 1 — Certidão de idade comprovativa de o candidato não completar 14 anos até ao dia 1 de Outubro próximo;
- 2 — Certidão de matrícula na 4.<sup>a</sup> classe de instrução primária ou de aprovação no respectivo exame;
- 3 — Bilhete de identidade.

Depois de 30 de Setembro ainda podem ser aceites boletins de inscrição, até à véspera do início das provas, mediante o pagamento da propina suplementar de 100\$00, paga em estampilhas fiscais, a inutilizar pela forma acima indicada.

Os exames referidos realizar-se-ão, em Loulé, nos dias 29 e 30 do próximo mês de Outubro.

Paços do Concelho de Loulé, 19 de Setembro de 1957

O Presidente da Câmara,  
José João Ascensão Pablos

## Grave Explosão em Quarteira

Felisbela Maria dos Santos Cravo, vivera com seu marido, durante alguns anos, em Marrocos, onde arranjaram alguns fundos e vieram morar para Quarteira sua terra natal, onde adquiriram um prédio na Rua Diogo Cão.

Há cerca de um mês que o marido Mateus Rodrigues, embarcava para Angola, no desejo de ali se entregar à faina da pesca, como aliás muitos dos marítimos daquela localidade que estão enviando bastantes fundos para as mulheres.

No dia 17 à tarde ao entrar em casa, juntamente com uma sua vizinha veraneante nesta Praia, natural de S. Pedro de Solis, verificaram que havia em casa um pronunciado cheiro a gaz, pelo que concluíram que havia rotura na ligação da garrafa ao fogão.

Essa senhora, aconselhou a Felisbela a abrir as janelas e deixar ventilar as casas e não acender qualquer chama em casa, oferecendo-lhe até o fogão dela para aquela cosinhar o que pretendia.

A outra senhora saiu e presume-se que a Felisbela tivesse procurado imediatamente pôr o fogão em funcionamento pois ouviu-se um enorme estrondo, começando a aparecer chamas enormes.

Por acaso encontrava-se perto do local um outro veraneante João Carlos Delgado Figueiredo, que é bombeiro da Corporação de Sacavem e conhece das providências a adoptar com o Gaz Cidila em casos semelhantes, o qual entrou em casa jogou para a rua a garrafa de gaz e transportou a Felisbela com as roupas a arder, procedendo depois ao apagamento do incêndio que ameaçava desenvolver-se.

Infelizmente as queimaduras que a pobre senhora sofreu eram de tal gravidade que conduziu ao Hospital da Santa Casa da Misericórdia e apesar de prontamente socorrida veio a falecer na manhã do dia seguinte.

A explosão provocou graves prejuizos no prédio e nas mobílias existentes no mesmo.



### CAMPEONATO NACIONAL II DIVISÃO

OLHANENSE, 2 FARENSE, 0

Foi merecida a vitória do Olhanense, mas o desafio dado o estado de nervos de ambas as equipas não correspondeu às expectativas.

Sob a arbitragem do sr. Abel Macedo Pires, de Lisboa realizou-se, em Olhão, a 2.<sup>a</sup> jornada do Campeonato Nacional de Futebol da II Divisão, com o campo completamente cheio.

Os grupos alinharam: OLHANENSE — Abade; Ezequiel, Fonte Santa e Nunes; Poeira e Reina; Costa, Parra, Venício, Cava, e Silvio.

FARENSE — Isaurindo; Ventura, Reina e José Maria (ex-Portimonense); Bento e Vieira (treinador); Armando, Rialito, Remigio, Brito e Queimado.

A visita do Sporting Clube Farense, movimentou, como se previa, grandemente o meio local mercê da falange de adeptos que sempre se deslocam.

A saída pertenceu aos locais que logo puzeram em perigo as redes de Isaurindo, saindo a bola a razar a trave pela linha de cabeceira. A resposta do Farense não se fez demorar pois Vieira, pouco tempo depois, arrancou um remate de grande categoria cujo esférico passa pela linha lateral — lado esquerdo, com Abade fora da baliza.

Aos 25 minutos, com jogadas nervosa de parte a parte e com o árbitro a permitir jogo rijo e a assinalar faltas não existentes com verdadeiro prejuizo para a equipa visitante, Cava marcou o primeiro tento para o Olhanense, com culpas para o guarda do Farense. Este não sofreu o efeito do goal e antes pelo contrário remeteram-se ao ataque, tendo Rialito perdido uma boa ocasião de igualar o marcador.

No segundo tempo a partida desenvolveu-se mais acentuadamente no meio campo Olhanense, sem que o Farense conseguisse modificar o marcador, por falta de rematadores e de uma boa execução da defesa local sendo ainda o Olhanense, por intermédio de Venício, que aos 27 minutos, marca a sua 2.<sup>a</sup> bola, resultado com que terminou o encontro.

No Olhanense, todos cumpriram ao passo que no Farense, somente José Maria, Vieira, Rialito e Brito se salientaram um pouco mais dos seus companheiros de equipa e todos eles em mau dia.

Péssima arbitragem do sr. Abel Macedo Pires, cujas decisões em muito prejudicou o Farense.

No nosso entender o Farense este ano não deve conseguir substituto para Campos, cuja falta se fez sentir na sua linha dianteira, pois de contrário o resultado poderia vir a ser outro.

O Portimonense conseguiu uma vitória sobre o Arrols, de 2-1.

## JUSTIÇA

(Continuação da 1.<sup>a</sup> página)

para si próprios os sacrificios com superiores espírito de abnegação, vão para eses o nosso reconhecimento e para Sua Excelência o Senhor Ministro da Educação Nacional os nossos agradecimentos sinceros pelo valiosíssimo melhoramento concedido a esta terra.

Se nos é permitido ter vaidade, a nossa é uma só: o amor à terra onde nascemos que nos tem dado coragem das nossas opiniões, fazendo ouvir a nossa voz embora débil, interessando-nos por este melhoramento que acaba de ser concedido, não com a baixaza de quem pedia uma esmola, mas com o orgulho de quem muito ama a sua terra. Estamos de bem com a nossa consciência por termos cumprido um dever.

Sem predilecção por este ou aquele grupo, por esta ou aquela pessoa, não podemos deixar de nos referir ao actual Presidente sr. José João Ascensão Pablos que tanto se tem esforçado para que a Escola Comercial e Industrial seja uma realidade de ainda este ano.

Os louletanos podem sentir comogões infindas, podem revolver-se nos seus peitos as paixões ainda as mais estimulantes, mas quando a terra os chama parece que tudo cessa, só ela é senhora das almas dos seus desejos.

Loulé está de parabéns.

Augusto C. Bolotinha

## MORRIS 10

Série 13, vende-se barato. Nesta redacção se informa.

Após a 2.<sup>a</sup> jornada a classificação geral ficou assim estabelecida:

Portimonense e Olhanense, 4 pontos; Atlético, 3; Montijo, Arroios, Estoril, Juventude, Coruchense, Farense e Serpa, 2; Almada, Portalegrense e União de Montemor-o-Novo, 1; Desportivo de Beja, 0.

A terceira jornada do campeonato Nacional de Futebol da II Divisão, realiza-se no domingo, dia 22, estando marcados os seguintes jogos:

Atlético-Coruchense; Desportivo de Beja-Arroios; Estoril-Portimonense; Juventude - Montijo; Farense - Almada; União Sport-Olhanense; e Portalegrense-Serpa.

NOTA — Os desafios disputam-se nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar.

J. G.